

## **O MITREU DE *LONDINIUM* E A ESCAVAÇÃO DE DOIS IMPÉRIOS**

Renato Pinto<sup>1</sup>

### **Resumo**

A descoberta do Mitreu de *Londinium* em 1952 foi um importante marco na reconstrução de Londres após os bombardeios da Segunda Guerra Mundial. Vindo do mundo helenístico, o mitraísmo chegou à Britânia (*Britannia*), província do Império Romano, no séc. II d.C. já ressignificado, voltado aos militares, mercadores e ricos libertos. O templo dedicado a Mitra foi construído no início do séc. III e durou até meados do IV, simbolizando resistência aos ataques do cristianismo e, possivelmente, sendo reconsagrado a outra divindade. A escavação do templo e os achados arqueológicos no séc. XX no seu interior levaram muitos britânicos a conectar os vestígios de um império da Antiguidade com a ansiedade relacionada aos estertores do seu império moderno. Apesar do sucesso do Mitreu na modernidade, sua trajetória arqueológica é complexa e envolve as pressões imobiliárias de uma grande cidade como Londres e o papel de museus e da iniciativa privada na guarda do patrimônio arqueológico do passado.

### **Palavras-chave**

Britânia (*Britannia*); *Londinium*; Mitreu de *Londinium*; *Mithraeum Bloomberg Space*; Patrimônio arqueológico.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. E-mail: [renato.pinto@ufpe.br](mailto:renato.pinto@ufpe.br).

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

### **Abstract**

The discovery of the *Londinium* Mithraeum in 1952 was a milestone in the reconstruction of London after the bombings of World War II. Coming from the Hellenistic world, Mithraism arrived in *Britannia* in the second century AD, already re-signified, and worshiped by the army, merchants and rich freedmen. The temple dedicated to Mithras was built at the beginning of the third century and lasted until the middle of the IV, symbolizing resistance to the attacks of Christianity and was possibly reconsecrated to another deity. The excavation of the temple and the archaeological finds in the twentieth century in its interior have led many Britons to connect the remains of an ancient empire with the anxiety related to the death throes of their modern one. Despite the Mithraeum's success in modernity, its archaeological trajectory is complex and involves reconstruction issues of a large city like London and the role of museums and the private initiative in guarding the archaeological heritage.

### **Key-words**

Roman Britain (*Britannia*); *Londinium*; *Londinium* Mithraeum; Mithraeum Bloomberg Space; Archaeological Heritage.

## Introdução

Aconteceu na primeira vez que visitei Londres, ao final da década de 1990. Foi uma caminhada direcionada a um local *específico*, pois já havia planejado com cuidado o trajeto, uma curta caminhada a partir da estação de metrô Cannon Street. Ao virar à direita na Queen Victoria Street, eu o achei. Simples, de canto, nenhuma estrutura grandiosa. Ao nível da rua. E, ainda assim, *espetacular*. Afinal, foi o primeiro local ligado diretamente à Antiguidade romana que vi em minha vida. Havia uma placa explicativa, modesta e econômica. Mas o impacto foi enorme em mim. Para alguém que desenvolvera o gosto pelo estudo do mundo romano desde a infância, o momento não poderia ter sido diferente. Aquele lugar remetia a uma existência de 1800 anos anterior ao nosso “encontro”. Não foram as ruínas da cidade de Roma, é verdade, mas foi um vestígio da província mais setentrional do Império. Bastou. O destino, e a vontade, levaram-me a pesquisar, a partir daquele momento, a presença da polissêmica cultura romana na Grã-Bretanha, período tradicionalmente chamado de Bretanha Romana (*Roman Britain*), ou *Britannia* (o nome histórico em latim, e sua possível tradução para o português, Britânia, que usarei aqui, ao longo do texto). Em Londres havia muito mais a ser visto daquele período. Mas não posso deixar de registrar a importância de minha “descoberta” arqueológica da Antiguidade romana: o Templo de Mitra de *Londinium* (*Londinium* é o nome latinizado, usado durante parte da ocupação romana).

Datado do séc. III d.C, o mitreu de Londres (o nome dos templos dedicados ao deus Mitra em latim: *mithraeum*, no singular e *mithraea*, no plural) é um dos mais importantes achados arqueológicos de período romano na cidade, senão o mais importante. Na verdade, as centenas de artefatos encontrados durante sua escavação, em meados dos anos 1950, são, até hoje, a chave para diversas pesquisas a respeito do culto do mitraísmo nas províncias ocidentais do Império Romano. O templo também é chamado por alguns como o “mitreu de Walbrook”, uma referência ao rio que desaguava no Tâmesa e que passava bem ao lado da edificação na Antiguidade. O rio Walbrook foi canalizado e desapareceu da superfície da cidade no séc. XIX. Não há, comprovadamente, outro mitreu em Londres, e em toda a ilha, há poucos locais onde haja consenso sobre a existência de *mithraea*, como o mitreu de Rudchester (*Vindobala*), e o de Carrawburgh (*Procolita*), ambos no Muro de Adriano, ao norte da ilha (Salway, 1993: 509; 525). A forte apreciação do culto a Mitra entre os legionários romanos explica a presença de artefatos ligados ao culto próximo a locais de fortes de fronteiras no império (Elliott, 2021: 11). Mas o mitreu de Londres está posto num contexto bastante urbano. Algo raro

nas províncias do ocidente. Seu tamanho também foge dos padrões de outros *mithraea*.

O mitraísmo já era conhecido há séculos no mundo helenístico e em partes do território romano, oriundo de locais distantes, como a Índia e a Pérsia. Mas, pela porção mais ocidental e setentrional do Império Romano no séc. I d.C., começou seu percurso de expansão, com o dinamismo de um novo fenômeno de difusão. O culto, em sua estada e movimento pelo mundo helenístico e para além dele, sofreu, seguramente, ressignificações no caminho e no tempo. Estas adaptações, transformações e expansões criam um campo muito rico de estudos na Arqueologia e na História, e convidam à grande dedicação às pesquisas sobre tais fenômenos. Não estão no escopo deste texto, contudo. Aqui, pretendo fazer uma breve apresentação do mitreu de Londres, sem a pretensão de qualquer verticalidade sobre o tema do mitraísmo, que é muito amplo e complexo, tampouco esgotar o que se poderia escrever sobre o próprio mitreu em tela. Embora traga algumas informações a partir de obras especializadas em religião antiga e da descoberta, em Londres, desta estrutura do período da Britânia, do séc. II d.C., julgo ser muita ousadia sequer tentar me aproximar dos trabalhos exaustivos sobre o templo e suas múltiplas conexões religiosas na Britânia e no resto do Império Romano. Entre os mais completos trabalhos sobre o templo de mitra em Londres, e sua escavação em 1954, estão o de Jocelyn Toynbee (1986) e o de John Shepherd (1998). Sugiro ao pesquisador que vier a buscar um aprofundamento na história da descoberta e escavação do mitreu de Londres que o faça por meio desses autores citados e de suas obras, para começar.

Neste espaço pretendo apresentar de forma breve o contexto histórico do mitraísmo em Roma e na província da Britânia, e discorrer sobre a estrutura do mitreu de *Londinium*. A história do mitreu na Antiguidade mistura-se a maneira como é ressignificado pela modernidade. Seu percurso enquanto objeto arqueológico é complexo e permanece controverso, abrindo várias veredas para debates a respeito do patrimônio e da expansão das grandes cidades. Aqui, considero importante destacar o papel que a Arqueologia desempenha em sua missão junto ao público, ao apresentar um pouco do trajeto arqueológico do mitreu. Assim, este é um trabalho meramente introdutório e, com alguma sorte, uma pequena contribuição.

Para continuar, é preciso dizer que o mitreu de Londres não está mais lá onde eu o “descobri” há tantos anos. Diga-se, a bem da verdade, que ele nunca deveria ter estado onde eu o vi pela primeira vez. A descoberta e escavação do templo, sob o comando dos arqueólogos galeses William F.

Grimes (também conhecido como Peter Grimes) e Audrey Williams, deu-se em outro local, próximo dali, entre 1952 e 1954. Por razões de acomodação imobiliária, o templo foi desmontado e levado na década de 1960 para a área da Queen Victoria Street, de maneira pouco cuidadosa, para dar lugar a um edifício de escritórios. Medida que foi, ao menos, melhor do que a simples destruição, por assim dizer. Alguns dos principais objetos encontrados na escavação de 1954, principalmente as estátuas, esculturas e relevos (o famoso pequeno relevo de Mitra Tauróctone citado mais adiante foi achado antes, no séc. XIX), ficaram sob a guarda do Museu de Londres e foram exibidos em um segmento deste museu desde então.

Voltei ao local do mitreu na *Queen Victoria Street* algumas vezes, mas em 2010 encontrei o local com fortes sinais de abandono, com lixo jogado no chão e com a placa de informações grafitada. Estava em péssimo estado de conservação e foi uma visão desoladora. Imaginei que não duraria muito mais. Mas algo logo mudaria radicalmente a situação do mitreu.

### **O influxo das religiões orientais no Principado**

Uma série de religiões de origem oriental avançou, em especial a partir do séc. I d.C., por grandes porções do Império Romano, chegando até as províncias mais ocidentais. Uma boa parte delas trazia mensagens de salvação após a morte, mas, também, a perspectiva de uma vida terrena melhor. Muitas eram religiões de mistérios, comportavam associações (*collegia*) voluntárias e exclusivas, e, por meio de rituais de iniciação, prometiam a vida eterna (Hingley, 2018: 183-4). Em grande medida, rompiam com as tradições religiosas greco-romanas, que preconizam uma relação muito mais contratual entre as divindades e os devotos do que mudanças profundas de fundo espiritual e ético. O cristianismo vem logo à mente, mas havia outras, como o mitraísmo, ou o culto a Deusa Mãe (*Magna Mater*).

Os séculos II e III d.C. viram algumas dessas religiões orientais ganharem crescente influência no lado ocidental do império, depois de terem já passado e se transformado no mundo helenístico. O Mitraísmo seguiu esse padrão. Uma religião de mistérios que teve sua origem na Índia e na Pérsia, e que se espalhou pelo império a partir do século I d.C. sofrendo adaptações nos diversos locais por onde passou, mormente, no mundo helenístico. Aliás, o idioma grego e sua difusão no Império Romano teriam sido fundamentais para a expansão dessas religiões orientais. Eram cultos que se difundiam por meio de uma marcante teurgia, de rituais teatrais, ritos de passagem e da necessidade de encontrar a verdade, que era secreta

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

e deveria ser revelada (*gnosis*). Ofereciam tipos diversos de “renascimentos” (Henig, 1984: 95; Hingley, 2018: 183; 317, n. 139).

Segundo Martin Henig (1984), a oferta de novos benefícios às almas sedentas pela salvação não vinha despida de algumas regras e limitações, contudo. O cristianismo, em tese, não permitia que seus seguidores compartilhassem sua crença em Cristo com outras divindades, mas outras religiões orientais eram mais tolerantes neste quesito. O mitraísmo, por sua vez, não exigia o rompimento entre crenças antigas e a sua adoção, permitindo a inclusão de velhos ritos em seu arsenal litúrgico. As fontes antigas, textuais ou materiais, deixam entrever uma grande complexidade teológica nessas religiões do oriente, mas nem sempre temos todos os detalhes. De fato, de maneira geral, o lado mais intolerante do cristianismo fez do apagamento dessas fontes e tradições uma das suas maiores missões a partir do séc. IV.

Mas nem tudo pôde ser obliterado, felizmente. A movimentação para oeste desses cultos orientais se dá por meio de conversão, também, mas é impossível ignorar a força da influência da presença de mercadores do oriente nas províncias e da chegada de enormes contingentes de escravos daquela região à Península Itálica, por exemplo. Muitos desses escravos ganhavam suas manumissões e, libertos, permaneciam no lado ocidental do Império, desenvolvendo lá algumas de suas tradições religiosas (Henig, 1984: 95; 97). Em outra interpretação difusora, é possível concluir que as legiões romanas estacionadas na região do Danúbio tiveram contato direto com o mitraísmo helenístico, em suas variadas formas litúrgicas. Todos esses elementos podem ajudar a compreender a chegada do mitraísmo ao ocidente, que chega com força suficiente para se instalar e se fixar. O cristianismo ainda demoraria a ter o efeito deletério sobre os chamados cultos pagãos, que seus apologistas tanto desejavam. Foi assim com outras religiões de mistérios, também, ou o culto a Ísis, por exemplo. No entanto, o mitraísmo possuía certas características que o distanciava de muitos dos outros cultos orientais. A principal, era a demanda pela devoção vitalícia a Mitra, num dinamismo que lembrava o comprometimento com o serviço militar. Em vastas regiões do Império Romano, o culto a Mitra se tornou famoso entre jovens oficiais romanos, estrangeiros e mercadores, do Mar Negro à Britânia, do Egito à Germânia (Henig, 1984: 97-101; Hingley, 2018: 183-4).

Como dito, tratava-se de uma religião de mistérios e de iniciações. O terceiro grau era o do *miles*, o do soldado, daí mais um indício da forte ligação com o espírito de corporação dos legionários romanos. As origens de tais tradições ritualísticas estão nas conexões do mitraísmo com a Índia

e a Pérsia. A submissão de Mitra a Ahura Mazda (Zoroastrismo) está documentada na cultura material. Na Avesta, Mitra é o deus da luz, e foi no Império Aquemênida que o mitraísmo sofreu algumas de suas maiores influências e ressignificações (Henig, 1984: 101).

Aos poucos, o mitraísmo se fez conhecer na Roma imperial. As já mencionadas tropas romanas da região do Danúbio, na Panônia, devem ter recebido grande influência do mitraísmo e isso ajuda a explicar a velocidade de difusão do culto a Mitra no período antonino, no séc. II. A crise política e militar do Império Romano do séc. III teria ajudado na promoção de religiões que oferecessem uma maior e mais eficiente conexão entre devotos e suas divindades. A busca por maior introspecção da alma, além de sua própria salvação, e pela manutenção do cosmos em contraponto ao caos, poderiam ser atendidas pelas filosofias de muitas dessas religiões que chegavam do oriente. O mitraísmo poderia oferecer mais entusiasmo e esperança naqueles momentos obscuros. Mitra era a luz, associado ao Sol, chegando, em alguns casos, ao sincretismo com *Sol Inuictus*. E mais: Mitra *indicava* o caminho das trevas até a luminosidade da salvação, o escape do caos para o cosmos. Em uma das suas representações ritualísticas, a de Mitra Tauróctone, o sacrifício do touro criado por Ahura Mazda no início dos tempos representa a destruição de um ser divino para que todas as formas de vida possam então nascer. Mitra era representado de diversas maneiras a partir de suas narrativas de nascimento e de invenção/intervenção cósmica. Entre elas, a forma de Mitra *Saecularis* (senhor dos tempos), nascendo de um ovo (Henig, 1984: 97-99, 101-2). Ainda, em outra conformação, como Mitra *Petra Genaratrix*, quando nasce de uma pedra, sendo, então, *petra natus*. Mais uma mostra do grau de enorme complexidade envolvendo o mitraísmo. Mas nossa atenção se centrará, a partir do mitreu de Londres (*Londinium*), tão somente, na representação tauróctone de Mitra. A obra *Religions of Rome* (2000), de Beard, North e Price, oferece material vasto sobre o mitraísmo e é recomendada sua leitura para aprofundamentos no tema.

Na iconografia tauróctone, Mitra entra em uma caverna, onde sacrifica o touro cósmico com uma adaga segurada por sua mão direita. Vestindo um manto e seu famoso barrete frígio, domina o animal apoiando-se sobre seu torso e desfecha o golpe fatal. O sangue gerador de todas as formas de vida, que jorra da ferida mortal, é bebido por um cão e uma serpente, simbolizando as criaturas da terra. A partir de um rito destrutivo, surge a “verdadeira” criação. Contudo, a fim de tencionar o rito e mostrar a necessidade da luta eterna contra o mal, o arquirrival de Ahura Mazda, Arimã, envia um escorpião para picar os órgãos genitais do touro, intoxicando-o durante o sacrifício, a fim de afetar a fertilidade em sua fonte

divina. Na construção imagética desta cosmogonia, Mitra Tauróctone está, ainda, acompanhado de duas outras figuras: Cautes, à direita, com uma tocha erguida, e Cautópates, à esquerda, com uma tocha voltada para baixo. Representam a oposição dos atributos entre escuro e claro, bem e mal, vida e morte. Aspectos ligados ao círculo do zodíaco também são comuns na iconografia mitraísta (Henig, 1984: 102; Ottaway, 2013: 217).

Pode-se afirmar: tratava-se de culto sofisticado. Era uma religião excludente, na medida em que sua liturgia era misteriosa, voltada a homens de certa posse, mercadores e, quase sempre, oficiais acima do ranque de centurião. E, ademais, as iniciações pareciam exigir pesados sacrifícios psicológicos e físicos (Henig, 1984: 98). Contava com sete graus de iniciação, rigorosos ritos de acesso. Esperava-se, assim, uma pequena congregação. Seus devotos eram pessoas de consequência política e social, privilegiados na sociedade romana. O mitraísmo combinava bem com a disciplina da vida militar e com o estoicismo do mundo romano, e, da mesma forma, com o indelével desejo de manter intocadas as hierarquias sociais no império, origem de múltiplos privilégios para poucos (Salway, 1993: 510).

Apesar de pouco ter sobrado das escrituras mitraístas e de outras informações litúrgicas, é possível afirmar, a partir dos vestígios epigráficos e artísticos, que o mitraísmo exigia disciplina e dedicação, ainda que não exclusiva quando se tratava de outros deuses. No Império Romano, era comum que templos dedicados a Mitra fossem localizados próximos aos de outras divindades. Assim, falaríamos de complexos templários e termas ao redor dos *mithraea*, não de edificações isoladas. Há diversos exemplos desta conformação nos templos dedicados a Mitra no porto de Óstia, em Roma, por exemplo (Hingley, 2018: 184).

No que se pode dizer a respeito dos locais de culto, certas divindades orientais veneradas pelos militares e mercadores, ofereciam experiências religiosas sensoriais distintas das mais tradicionais do panteão romano, cujos ritos que eram praticados em locais abertos e eram menos excludentes e teatrais. Já os cultos orientais, por sua vez, eram geralmente realizados em locais fechados, cercados de rituais misteriosos de iniciação. No caso do mitraísmo, os *mithraea* simbolizavam a caverna onde Mitra Tauróctone sacrifica o touro. Costumavam ser locais apertados, e subterrâneos (Ottaway, 2013: 217; Salway, 1993: 510). Assim, eram espaços reduzidos, sem janelas, e erigidos em regiões próximas de rios, para indicar a presença do elemento purificador, apesar de todo o risco de inundações (que, de fato, aconteciam, pelo que se pode observar a partir das obras de reparo nos pisos de alguns *mithraea*, caso do mitreu de *Londinium*). Apesar



da ausência de entradas para a luz natural, havia nichos específicos para a iluminação das lamparinas e dos candelabros. Curioso que a luz solar em si não era desejada, resguardando o aspecto secreto do culto dos inimigos, em especial, dos olhares curiosos ou julgadores dos cristãos. Todo o ritual tinha um forte apelo teatral. O uso de máscaras para os iniciados em diversos patamares da hierarquia, simbolizando animais como corvos e leões, surge em algumas representações do mitraísmo, encontradas na região dos Bálcãs, por exemplo. As cerimônias podiam envolver ritos extremos, como o sepultamento temporário, em vida, de alguns devotos, para que pudessem “renascer” ao saírem dos caixões (Henig, 1984: 103; 105). Ou exposição ao calor intenso, por vezes. Também era possível que os devotos bebessem vinho misturado a ervas alucinógenas durante os ritos, como o *haoma*, muito usado no zoroastrismo. Outras substâncias, como o mel, podiam ser usadas para libações e abluções nos ritos de iniciação, também. Incensos e outros aromas, somados ao que já foi citado, ofereceriam, ao que tudo indica, diversas experiências multissensoriais (Henig, 1984: 102-3; 105; 107).

Há poucos registros de *mithraea* fora de regiões de *limes*, onde ficavam estacionadas as legiões. Assim, fica claro o forte apelo que o culto tinha para os legionários, em especial aos aspirantes dos altos cargos. Mitra parece ter ganhado destaque entre os escalões mais altos dos militares, mas os ricos mercadores também podiam participar. As inscrições achadas no interior das células ou templos apontam para uma congregação bastante seleta, privilegiada e reduzida de legionários e mercadores, portanto. Era excludente, contudo, não aceitando mulheres ou pessoas de poucas posses entre seus devotos (Henig, 1984: 98; 108; Ottaway: 2013: 217-8; Hingley, 2018: 172).

Restrita apenas aos homens (Salway, 1993: 510), essa exclusão das mulheres, alijadas da salvação que Mitra poderia oferecer, deve ter se tornado um entrave para a expansão do culto para longe das áreas dos *limites*. E a ameaça dos cristãos mais proselitistas esteve sempre presente. Era preciso certo resguardo. O culto a Mitra declinou significativamente em todo o império a partir de meados do séc. IV, mas o imperador Flávio Cláudio Juliano era favorável ao seu culto e, assim, o mitraísmo pode ter durado muito mais tempo, em círculos mais seletos e conservadores, ao menos até o início do governo de Teodósio, em 379 d.C. (Henig, 1984: 109; Hingley, 2018: 183).

## O mitraísmo na Britânia

Entre os cultos religiosos orientais que alcançaram a Britânia, o mitraísmo é um dos mais familiares. Na Britânia, a primeira das religiões de mistério orientais a se estabelecerem de forma eficaz foi o mitraísmo (Henig, 1984: 97; Salway, 1993: 510). Isso não quer dizer que tenha se difundido de maneira abrangente por toda a província. Na verdade, permaneceu profundamente exótico e secreto em comparação com as outras divindades do panteão greco-romano ou locais. Assim como alhures, o culto a Mitras na Britânia estava acompanhado de outras divindades, sem que isso gerasse algum conflito religioso ou político entre seus devotos (Henig, 1984: 101). É o que ocorre em Bath, por exemplo. E, da mesma forma, o mitraísmo em *Londinium* mostra o quão fácil era a assimilação de outras religiões, sua tolerância com outras divindades. Do mitreu de Londres puderam ser obtidas várias dedicatórias (*ex-voto*) e estátuas referentes a variadas divindades (Mattingly, 2007: 304; 310; Salway, 1993: 510).

De acordo com David Mattingly (2007), assim como aconteceu com alguns outros cultos com forte apelo entre a comunidade militar da ilha, o mitraísmo, em seu formato de religião de mistério e composto por vários níveis de iniciação, poderia oferecer, ao mesmo tempo, um sentido mais próximo da consciência do ranqueamento militar e, também, de senso de unidade aos alistados. De fato, quase todos os contextos nos quais não há dúvidas a respeito da adoração a Mitra na Britânia têm ligação com a vida militar. Mesmo o *mitraeum* de *Londinium*, à beira do Walbrook, um contexto urbano, guardava fortes associações com a soldadesca estabelecida na cidade, em especial, no forte de Cripplegate (Mattingly, 2007: 217; Henig, 1984: 108). Não é possível determinar com clareza como os cultos às divindades de apelo militar passavam por adaptações e ressignificações quando eram adotados pelos legionários, vindos de distintos pontos do império, mas levados às múltiplas áreas de defesa de províncias, distantes de suas origens. Há certa expectativa de que tais cultos, oriundos de regiões mais afastadas do império ou pertencentes às próprias províncias, fossem mais difundidos entre os militares de menor patente. Mas não é possível subestimar ou descartar a devoção dos comandantes, também (Mattingly, 2007: 217-8). Da mesma forma, é difícil estabelecer o quanto de integração poderia ter ocorrido entre tais adorações militares e a população de *Londinium* ou de outras regiões próximas ao culto a Mitra na Britânia.

Na Britânia, Mitra foi particularmente adorado pelos militares em templos e células em pequenos fortes ao longo do Muro de Adriano, com dedicatórias feitas por oficiais de alta patente, inclusive. Parece haver aqui ao menos uma tentativa de manter laços entre esses legionários, suas

divindades favoritas e suas terras de origem. Uma questão identitária, portanto. O Mitreu de Carrawsburgh contém uma dedicatória feita por um oficial de nome Aulo Cluêncio Hábito, que deixa clara suas conexões familiares (vale lembrar o caso do julgamento senatorial *Pro Cluentio*, do orador Cícero) com a elite do final do período republicano em Roma (Huskinson, 2002: 120-1).

Mais para o interior da ilha há o caso do mitreu de York. Imagens da tauroctonia podem ser vistas em um relevo de Micklegate, a sudoeste do rio Ouse, o que poderia indicar a presença, no local, de algum templo dedicado à divindade de origem persa (Ottaway, 2013: 217-8). A porção ao sul da Britânia oferece uma significativa quantidade de estatuetas, relevos, joias e mosaicos com imagens de divindades clássicas, porém, há escassez de inscrições votivas. Quando elas existem, há uma série de ambiguidades na definição das divindades por parte dos devotos, cujas próprias identidades tampouco estão claras (Mattingly, 2007: 308-9). Como se pode observar, de maneira geral, os locais de culto a Mitra na Britânia estão distribuídos ao longo do Muro de Adriano, uma região de *limes*, e em algumas poucas localidades no meio rural da ilha. Isso indica um favorecimento por locais mais afastados ou marcadamente habitados por legionários, nas fronteiras. Mesmo nestas localidades, a identificação de *mithraea* torna-se um ato complicado, cercado de incertezas.

Uma importante exceção é o mitreu de *Londinium*, um centro urbano bastante movimentado no séc. III d.C., momento da fundação do templo dedicado a Mitra. *Londinium* foi uma cidade de mercadores, de militares, de libertos, fundada pelos romanos, pouco antes de 50 d.C., uns seis ou sete anos após a conquista romana da ilha, feita em 43 d.C. pelas legiões do imperador Cláudio. Pujante desde o séc. II, tornara-se uma cidade internacional, comercial, com características de empório, com algo em torno de 50 mil habitantes já em 140 d.C..

### **O Mitreu de Londinium**

O Mitreu de *Londinium* é o único local comprovado de devoção a Mitra em um centro urbano, com várias inscrições de devotos associados a ex-legionários ou a oficiais locais (Mattingly, 2007: 309). De fato, vale notar que o templo de Mitra é, também, o único templo em Londres, de período romano, cuja divindade à(o) qual o espaço foi dedicado é indubitavelmente conhecido(a).

A construção do templo de Mitra em *Londinium* data de meados do séc. III d.C., ainda que material arqueológico encontrado no seu interior possa ser do século anterior. O material vascular encontrado no templo aponta para sua construção por volta de 240 d.C.. Não se sabe ao certo quem construiu o mitreu de *Londinium*, mas pode ter sido obra de algum rico veterano ou de uma congregação de devotos de Mitra (Hingley, 2018: 183-4; Salway, 1993: 510).

O mitreu teria sido uma construção, ao menos parcialmente, subterrânea, desprovida de janelas, a fim de simular a caverna do rito tauróctone. Em formato retangular, media 18,3m de comprimento e 7,6m de largura. Um tamanho excepcional para um templo dedicado a Mitra [Henig, 1984: 108; D. Perring (2022: 318) indica outras medidas: 17,83m x 7,84m]. A entrada para o mitreu teria se dado pelo lado leste. Na outra ponta, haveria um pequeno recesso semicircular (*apse*), local onde ficaria a estátua de Mitra Tauróctone, sobre uma plataforma. O templo foi erigido a leste do antigo rio Walbrook, e teria sofrido com alagamentos, fazendo com que o piso tivesse de ser elevado ao menos oito vezes ao longo de sua existência. O interior do templo contava com sete pares de colunas suportadas por plataformas baixas, que acabam por dividir o espaço retangular em três segmentos. O piso dos corredores laterais era mais elevado do que o da nave. Estes espaços limitados, estreitos, indicam que o templo não teria sido projetado para comportar um grande número de devotos (Hingley, 2018: 184-5).

No local pode ter havido outras estruturas religiosas, como aponta o fragmento de uma inscrição encontrada durante a escavação do mitreu (ver abaixo). Todavia, a área ao redor do templo foi pouco explorada em escavações subsequentes. Cultos a outras divindades, como Baco, podem ter se desenvolvido nas vizinhanças, mas há poucas informações arqueológicas complementares. A despeito disso, o templo de Mitra de Londres costuma ser representado como edificação isolada. Seja como for, não há dúvidas de que o mitreu era composto de outras partes, para além daquela escavada, e poderia ser apenas um segmento de estruturas muito mais rizomáticas. Dificuldades na escavação de 1954 levaram Grimes e Williams a exporem e explorarem apenas o que pode ter sido uma antecâmara do templo (Hingley, 2018: 184).

### **O fim do mitreu na Antiguidade**

As ameaças vindas de parte do cristianismo podem ter levado os devotos de Mitra a esconderem objetos relativos ao culto em fossos, sob o piso do

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

templo. No interior deles, estavam as imagens de deuses greco-egípcios (Sérapis), uma cena dionisíaca (Baco), a cabeça de Minerva, e um deus aquático não identificável, entre outros. Os primeiros sinais de possível vandalismo ocorreram no começo do séc. IV, com o desmantelamento de parte da estrutura e é quando as principais esculturas teriam sido escondidas ou descartadas (Salway, 1993: 509-10). Foi, provavelmente, neste momento que a cabeça em mármore de Mitra teria sofrido um corte por machado e sido separada de seu corpo, desaparecido até hoje. O Mitraísmo foi um alvo claro da intolerância dos cristãos, enquanto outras religiões chamadas de pagãs poderiam sofrer menos repressão dos líderes da apologia cristã (Salway, 1993: 509-10). A visita de Constantino à Britânia em 312 ou 314 pode ter marcado o momento de gatilho para o vandalismo ao templo de Mitra. As estátuas teriam então sido quebradas e partes da estrutura danificadas. Mas o templo foi reconstruído e voltou à ativa, como se presume, dedicado a Baco, ou pode ter mantido, em parte, seu propósito religioso original. Não se sabe ao certo (Henig, 1984: 108-9; Mattingly, 2007: 348).

Como já lembrado, o depósito dos fragmentos pode ter sido fruto de rituais positivos e não de vandalismo. Richard Hingley (2018: 184-86) lembra que as cabeças das esculturas formavam a maioria dos depósitos, indicando que havia uma escolha cuidadosa das partes a serem dedicadas para o sepultamento. O fato de as cabeças serem a parte mais selecionada para depósitos *ex-voto* remete a debates intensos a respeito do culto às cabeças decepadas e dos crânios do Walbrook na província (ver Redfern; Bonney, 2017; Pinto, 2017; Perring, 2022: 250-6). As mãos também podem ser bem representadas nos depósitos. Cabeças e mãos estariam mais diretamente associadas às identidades e/ou a poderes que emanariam dos fragmentos (Croxford, 2003: 83-8). Dominic Perring (2022: 355) propõe uma versão alternativa para o destino do mitreu. Uma vez que não há comprovação incontornável de vandalismo cristão neste templo, Perring sugere que o local tenha sido rededicado a Baco e que a mutilação das estátuas possa estar ligada ao ritual mítico de *sparagmos*, quando membros de sacrifícios ao deus Baco são arrancados e espalhados. Mas tampouco podemos comprovar esta hipótese.

Apesar do avanço do cristianismo na Britânia e de sua missão de apagar o mitraísmo, o templo de Mitra sobreviveu, e teria sido remodelado no início do séc. IV, tendo suas colunas sido removidas, para criar mais espaço interior. O que se nota é que altares novos parecem ter sido instalados no recinto em semicírculo (*apse*) ao início daquele século. Segundo Richard Hingley, em observação às interpretações de Henig e Shepherd, tais alterações alimentam a ideia de que o templo pode ter sido mesmo

dedicado a uma nova divindade, possivelmente, Baco (Hingley, 2018: 214). Ou ainda, sobrevivido em conjunto com a nova divindade. O que se sabe é que, a partir de meados do séc. IV, a edificação teria sido abandonada e caiu em ruínas. Mas, dada a intensidade de perseguição aos chamados templos pagãos pelos seguidores mais exaltados do cristianismo, é significativo que tenha resistido por tanto tempo (Hingley, 2018: 215). Seja como for, o chamado paganismo deteve certa força até meados do séc. IV, mostrando um cenário bastante tenso e complexo no campo das práticas religiosas na Britânia (Salway, 1993: 510). Talvez ainda seja possível encontrar mais material arqueológico que indique como foram os últimos momentos do templo de Mitra em Londres, em meados do séc. IV.

### **A arqueologia do Mitreu e os escombros de dois impérios**

O interesse pelas pesquisas epigráficas sobre o período de ocupação romana da Britânia tomou forma na academia ao início do séc. XX, em especial, na Universidade de Oxford. Com a morte da rainha Vitória em 1901 o Império Britânico viveu momentos de incerteza, mas que foram logo mitigados com uma renovação do incentivo ao colonialismo na África e ao instigante enfrentamento do Império Turco-Otomano. Apesar da ascendência do belicismo, é comum entendermos os primeiros anos do séc. XX como continuação da suposta *Pax Britannica*. Neste contexto, o Império Romano era visto como um exemplo em larga medida bem sucedido de conquista e domínio. A principal figura acadêmica desse avanço nos estudos romano-britânicos foi a do arqueólogo e epigrafista Francis Haverfield (Perring, 2022: 15). A partir dele, outros estudiosos se debruçaram sobre a Britânia do período romano num processo quase sempre abertamente comparativo entre o Império Romano e o Britânico, a partir do polêmico conceito de “romanização” (Hingley, 2000).

Os vestígios tidos como romanos achados na ilha eram aproximados à crença colonialista de que Roma havia trazido até a Britânia os ideais de civilização, uma visão defendida por muitos acadêmicos e pela população (Perring, 2022: 15-6). No período que antecedeu a II Guerra Mundial, a Sociedade de Antiquários de Londres conseguiu arrecadar fundos para novas escavações em Londres e foi essa nova janela de oportunidade que arqueólogos como Eric Birley, Gerald Dunning e Frank Cottrill usaram para escavar a tumba de Júlio Cláudio (procurador da província), mostrar parte do plano de reconstrução do fórum e da basílica, e revelar os “horizontes” dos incêndios de Boudica e de Adriano na estratigrafia de *Londinium* (Perring, 2022: 16). O museu do Guildhall e o Museu de Londres

organizaram coleções de objetos de período romano no início dos séculos XIX e XX. Mas nada se comparou aos trabalhos de recuperação dos bombardeios que ocorreram durante a II Guerra Mundial (Hingley, 2018: 6).

Após os bombardeios alemães de 1940 e 1941 sobre Londres, o governo do Reino Unido, preocupado com a reconstrução das áreas devastadas, optou por fundar o Conselho de Escavação Romana e Medieval de Londres, com o apoio do financeiro do Ministério das Obras (*Ministry of Works*). Uma equipe de arqueólogos começou os trabalhos de escavação em 1947, sob a direção de William Francis Grimes. A ideia era se afastar de áreas que estivessem sob a imediata pressão imobiliária e o processo foi monitorado pelo museu do *Guildhall*. O trabalho de campo em si foi coordenado pela arqueóloga Audrey Williams (Perring, 2022: 16), uma pioneira no trabalho arqueológico do País de Gales, e de fato, a primeira mulher a presidir o *Royal Institution of South Wales (RISW)*.

Entre as principais descobertas arqueológicas da equipe de Grimes e Williams estão o forte de Cripplegate e o Mitreu, ambos resultados das escavações entre 1946 e 1968. Todavia, poucos duvidarão que a maior descoberta, acidental, bom que se diga, da equipe de Grimes e Williams foi a do mitreu de *Londinium*, durante a escavação de uma transecção do Walbrook em *Bucklersbury House* em 1952. Trata-se de um marco arqueológico. Já no séc. XIX, em 1889, um grupo de esculturas, entre elas um relevo de Mitra no ato de imolação do touro (tauroctonia), havia sido encontrado nessa região do vale do Walbrook (ver Figura: Mitra Tauróctone). Mas não havia sido detectada a presença de um mitreu na área (Hingley, 2018: 6; 183). Embora o mitreu tenha sido achado em 1952, as escavações só começaram em 1954. Os trabalhos duraram apenas algumas poucas semanas e teria sido somente no último dia, o domingo de 18 de setembro de 1954, que a equipe de Grimes e Williams encontrou uma cabeça em mármore de Mitra, que foi, então, associada ao patrono do templo. Embora haja outros templos em Londres, este é o único dedicado, de maneira inequívoca, ao deus Mitra.

O achado do mitreu gerou um descomunal interesse público e os planos de revitalização imobiliária foram suspensos (Perring, 2022: 16). O local foi aberto para a visitação por duas semanas. A descoberta e os vestígios expostos se provaram um estrondoso sucesso de público, após a divulgação no *Sunday Times*. Logo no primeiro dia mais de 35 mil pessoas foram ao sítio para ver as ruínas do mitreu (Perring, 2022: 16-7). A demanda e a pressa em ver as ruínas fazem algum sentido uma vez que a escavação era de salvamento do material encontrado, que deveria ser

removido o quanto antes para dar continuidade ao projeto pós-guerra de reconstrução urbana da área. O local da descoberta seria destruído para a construção de um edifício de escritórios, mas a forte reação popular, adversa à perda do templo, levou até mesmo o Primeiro Ministro Winston Churchill a procurar uma saída ao impasse. Para muitos londrinos, após o período traumático dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, e com a destruição de partes da cidade ainda visível na superfície anos depois dos ataques, um achado como o do mitreu de Londres poderia trazer uma esperança de recomeço e resiliência. Mais do que uma curiosidade com um passado tão longínquo, reinava certa percepção de que a cidade, ainda a proverbial capital de um império moderno, mas já nos seus evidentes estertores, havia sido parte de outro poderoso mundo imperial na Antiguidade. A ligação de Londres com o mundo romano não seria ignorada. O afloramento do mitreu parece ter ativado a sensação, então já meio que saudosista, de que o *englishness* estava, desde a Antiguidade, ligado ao fardo do civilizador. Como poderiam deixar isso ser esquecido? A própria Arqueologia, ao que tudo indicava, estava bem ali para lembrá-los. A escavação do Mitreu pelos arqueólogos era, simbolicamente, a de dois impérios. Mas os impérios também perder suas materialidades.

A despeito de todo o apoio do público e da mídia, o mitreu não pôde mesmo permanecer onde esteve soterrado por mais de 1800 anos. A sanha da especulação imobiliária venceu e, em 1962, o templo foi desmantelado e reconstruído em outro local próximo, e ao nível do solo, mas sem guardar as corretas dimensões e posicionamentos cardeais encontrados no ponto original. Não houve grande preocupação em envolver arqueólogos na empreitada. Isso gerou grandes imprecisões na reconstrução. Com o passar do tempo, em especial ao final da década de 2010, o local foi praticamente abandonado e constantemente vandalizado. O poder público nada parecia fazer. Um abandono muito incômodo de uma estrutura de patrimônio público. Foi então que o grupo bilionário estadunidense Bloomberg comprou os imóveis de toda a região próxima ao templo.

Em 2010, no último ano no qual vi o mitreu a céu aberto, surgiu a ideia de mudá-lo mais uma vez de lugar. Contudo, com maior preocupação científica, desta vez o Museu de Londres participaria do processo de remoção. O mitreu foi salvo, reconstruído com a expertise dos arqueólogos do Museu de Londres. De certa maneira, o mitreu voltou a ser enterrado, ficando a sete metros abaixo do nível do solo. Mas ele não apenas ganhou um novo local, ganhou, também, um novo guardião: o grupo de mídia e tecnologia estadunidense Bloomberg. Foi daí que surgiu o dinheiro para o empreendimento em parceria com o Museu de Londres. Todavia, mais uma vez, o problema de apropriação de patrimônio se coloca, agora, nas



mãos de um gigantesco conglomerado internacional bilionário. O local, que é visitável por escolas e turistas, sempre gratuitamente, chama-se *Mithraeum Bloomberg SPACE*, e foi aberto ao público em 2017. Vale a pena repassar mais algumas informações a respeito do projeto de restauro e de realocação antes de avançar com mais informações sobre o mitreu de Londres. A parceria do grupo Bloomberg com o Museu de Londres na preservação do mitreu deve, necessariamente, levar a novos debates a respeito do uso do patrimônio público e do papel da iniciativa privada na guarda desse material, ainda que tais debates não possam ser verticalizados neste espaço.

### **O material arqueológico do mitreu de Londres**

Centenas de artefatos (quase 600!) de madeira e couro, além de significativo material vascular, epigráfico, numismático e de estatuária foram encontrados durante as escavações do mitreu de Londres. Uma centena de nomes de habitantes de *Londinium* são citados. Entre tais inscrições está a mais antiga encontrada até hoje que menciona o nome romano da cidade.

Um dos grandes destaques entre o material arqueológico achado na escavação de Grimes e Williams do mitreu em Londres é a cabeça do deus Mitra, em mármore. Segundo Richard Hingley (2018) e Jocelyn Toynbee (1986), a cabeça de Mitra teria sido esculpida algo entre 130 d.C. e 190 d.C.. Muitas das peças em mármore Carrara encontradas no mitreu teriam sido produzidas em oficinas na Itália. A cabeça de Mitra mostra sinais de que foi deliberadamente separada do restante da estátua, ainda na Antiguidade, por meio de um potente instrumento cortante, possivelmente, um machado. Foi justamente a descoberta da cabeça em mármore de Mitra, no momento final das escavações da equipe de Grimes e Williams, que acabou por definir o local como um templo daquele deus (Hingley, 2018: 184; 186; Toynbee, 1986; Perring, 2022: 319).

Além da cabeça de Mitra, também foram encontradas as de Minerva (divindade incomum em *mithraea* e de Sérapis, sempre em mármore, muito bem preservadas. O imperador Septímio Severo visitou a cidade de *Londinium* em algum momento no início do séc. III, e era devoto de Sérapis, identificando-se com a divindade greco-egípcia. É possível que a cabeça em mármore desse deus, colocada no mitreu, tenha sido parte de uma estátua doada por algum rico patrono em homenagem ao imperador. Ainda, na assembleia escavada havia uma escultura de Mercúrio sentado sobre uma pedra, acompanhado de um carneiro, uma grande mão de Mitra

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

no ato de imolação do touro e uma mão e antebraço, de calcário, do mesmo deus. As cabeças teriam pertencido a corpos que se perderam. Talvez, em outra possível interpretação, as partes que foram escavadas tenham sido as únicas depositadas no local, o que abre a possibilidade para uma seleção específica. Material ósseo também foi encontrado durante as escavações, de animais usados em sacrifício ou para convivas. São ossos de galinhas, suínos, ovelhas, cabras e alguns poucos de gado. Bastante módico, se comparado a achados em outros *mithraea*. À entrada do templo, foram escavados fragmentos de esculturas e estátuas de mármore, talvez material votivo, datado, possivelmente, do séc. IV (Hingley, 2018: 172; 184-6; 318, n. 158).

Outro grande destaque ligado do mitreu é um relevo, em mármore, de 53 cm de altura, mostrando, claramente, em detalhes, o rito de Mitra Tauróctone, mas que havia sido escavado na região ao final do séc. XIX, em 1889. Todavia, nada se sabia da existência de um mitreu naquela região (Merrifield, 1965: 179). É muito provável que o pequeno relevo, que representa muito bem a mitologia tauróctone pertencesse ao templo, somente escavado no século seguinte. O relevo em questão foi definido como arte e estilo britãos por Toynbee (1986). Lá estão as figuras associadas à tauroctonia, incluídos os carregadores das tochas, Cautes e Cautópates, o cão, a serpente, o escorpião, além, é claro, do touro e do próprio Mitra. Toda a cena está cercada por um disco do zodíaco. Acompanha o relevo uma inscrição, fora do disco, que se refere a um veterano da segunda legião augustana, Úlpio Silvano, que teria servido no exército ou se iniciado nos mistérios de Mitra no sul da Gália (em Arausio, ou *Colonia Iulia Secundanorum*). Úlpio Silvano pode ter sido o fundador do templo, e levado para *Londinium* os objetos que lá seriam, quase dois mil anos mais tarde, escavados por Grime (Hingley, 2018: 184; 186). Diz a inscrição: VLPIVS SILVANVS EMERITVS LEG II AVG VOTVM SOLVIT FACTVS ARAVSIONE. A tradução poderia ser “Úlpio Silvano, veterano da II Legião Augusta, cumpre seu voto (de iniciação) em *Arausio* (atual Orange)” (Collingwood; Wright, 1965: 1; 2. *RIB* 3. Tradução do autor).

Outras esculturas ligadas ao mitreu foram achadas no mesmo período, no séc. XIX, e mostram divindades diversas, aquáticas, talvez Netuno, ou até mesmo uma personificação de *Londinium*, além do supracitado relevo de Mitra Tauróctone (Hingley, 2018: 186). Uma ligação de Mitra com a divindade solar também aparece em uma inscrição específica. Teria sido feita por volta de 308 d.C. e possui uma linha onde aparece a expressão [AU]GGGG, em referência aos quatro imperadores da época, Maximiano, Galério, Constantino e Maxêncio. A mesma inscrição também faz menção

ao deus Sol Invicto, [*soli i*]nuicto (Salway, 1993: 222, *imagem*; Collingwood; Wright, 1965: 2. *RIB* 4).

Grande parte dos artefatos encontrados nas escavações de Grimes e Williams foi estudada pela influente arqueóloga inglesa Jocelyn Toynbee (1986), que comparou os achados a outros materiais escultóricos contemporâneos do Mediterrâneo, em especial, aos da Itália. Com isso, a assembleia material encontrada pode ser datada como pertencente aos séculos II e III, e produzida, ao que tudo indica, em marmorarias na própria Itália. Richard Hingley ressalta que tais objetos são mais antigos do que o templo, e podem ter sido doados para outros espaços, sempre em devoção a Mitra (2018: 185).

Outros objetos encontrados no Templo de Mitras, que merecem destaque aqui são: um vasilhame cilíndrico, folhado em prata, no interior do qual estava um infusor/coador para bebidas e ervas. O vasilhame mede 6,3 cm de altura e 8 cm de diâmetro. A tampa do vasilhame mostra cenas que sugerem lutas de animais e a de um homem que parece se levantar de um baú ou de um caixão funerário. Talvez uma referência ao aspecto de renascimento do culto de mitra, após ritual de sepultamento temporário para iniciação. Já o infusor pode estar ligado ao consumo de bebidas alucinógenas durante os cultos sacramentais (Henig, 1984: 103; 105).

São muitos os artefatos achados nas escavações em 1954 e até mesmo antes, no séc. XIX. Não haveria como dar conta de tantos objetos importantes neste espaço. Mas é importante citar que muitos desses objetos foram encontrados em fossos, como material votivo, ou para simplesmente protegê-los do vandalismo provocado por religiões avessas ao culto a Mitra no séc. IV, em especial, o cristianismo.

## **O Contexto Arqueológico**

A década de 1950 logrou direcionar muitos estudantes para a área de arqueologia no Reino Unido, especialmente animados pelo sucesso das escavações em Londres naquela década. Mas os anos de 1960 não foram promissores. O Conselho de Escavação Romana e Medieval de Londres deixou de patrocinar as escavações em 1963. As reconstruções não seguiam mais os conselhos de arqueólogos e extensivo dano foi causado em sítios antigos. As descobertas contavam então muito mais com o trabalho do voluntariado. Como há males que vêm para o bem, o declínio econômico dos anos 1970 pausou as novas construções e deu novo fôlego para os trabalhos de preservação. Desta vez, os arqueólogos buscaram um

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.  
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

renovado apoio das autoridades para a formação de novos times de arqueólogos. A partir daí foi fundado o *Department of Urban Archaeology* (DUA) (Perring, 2022: 17-8). Há uma acentuada retomada das escavações em Londres após a fundação do DUA, ligado ao Museu de Londres no início da década de 1970. O foco de tais pesquisas era, bem especificamente, o passado romano na cidade (Hingley, 2018: 6).

Segundo Dominic Perring (2022: 18-21), o aumento no número de sítios arqueológicos também levou ao problema dos prazos para que as intervenções fossem finalizadas mais rapidamente. Assim, boa parte das equipes passou a trabalhar com a perspectiva de que as melhores análises viriam do material recolhido e levado aos laboratórios, e não do próprio sítio. Esse problema se tornou ainda mais agudo ao final da década de 1980 e os confrontos entre arqueólogos e investidores imobiliários foram intensificados, pois os empresários estavam bancando parte das escavações e queriam resultados mais imediatos. A década de 1990 foi ainda mais problemática, pois houve significativa contração nos investimentos nos contratos arqueológicos. Uma consequência imediata é a falta de publicação de estudos realizados neste período, que ainda aguardam no prelo.

O *Museum of London Archaeological Service* (MOLAS) foi fundado em 1992 e se tornou a maior empresa de arqueologia de Londres. Em 2008, o MOLAS se tornaria o *Museum of London Archaeology* (MOLA). O Museu de Londres trabalhou muito na reformulação de suas equipes e na publicação de relatórios, mas os volumes, mais de uma centena deles já publicados, apesar de trazerem muitos dados sobre *Londinium*, não permitem um fácil diálogo entre si. Com isso, os dados ficam fragmentados. A crise de 2008 levou a maiores problemas de verba e a construção da Linha Elizabeth do metrô mostrou o quão defasado estão os estudos arqueológicos na cidade. *Brexit* e *Covid* fizeram tudo ser praticamente paralisado.

Há outras empresas de Arqueologia que vêm executando escavações em Londres nos últimos 20 anos, e que ajudam a revelar segmentos da história de *Londinium* que são fundamentais para a criação de uma cronologia e o mapeamento de edificações públicas na cidade romana. Londres é a cidade mais bem escavada do Reino Unido e uma das mais bem estudadas do império romano. Todavia, a despeito desse novo arsenal de publicações de relatórios de escavação, a tessitura urbana de *Londinium* permanece consideravelmente lacunar para os estudiosos (Hingley, 2018: 6-7). O mitreu de *Londinium* “viveu” esse contexto histórico-arqueológico e seu destino atual está indissociável das narrativas nacionalistas que marcaram e ainda afetam a guarda do patrimônio da Antiguidade no Reino Unido.

## O London Mithraeum Bloomberg SPACE

O *London Mithraeum Bloomberg SPACE* é um projeto midiático e arqueológico para expor ao público, por meio de visitas guiadas, a reconstrução do mitreu de Londres no subterrâneo do prédio que abriga a filial europeia do grupo internacional Bloomberg, na região da *city* de Londres. Trata-se de uma parceria entre o Museu de Londres e a gigante de mídia e tecnologia. O *site* principal do grupo Bloomberg sobre o passeio é o [londonmithraeum.com](http://londonmithraeum.com). O *site* da Bloomberg, com o fito de divulgar a nova atração educacional e turística de Londres oferece, entre outros elementos de informação, pacotes (*packs*) para *download*. Fornece, também, dados básicos e técnicos sobre o mitreu: sua cronologia, sua estrutura, interpretações de seu uso no passado e detalhes de sua escavação e realocação a noroeste de seu local de origem, em 1962. É explicado que, em 2010, o conglomerado Bloomberg adquiriu grande parte da porção imobiliária onde se encontravam as ruínas deslocadas do templo e, também, de seu local de origem. O propósito da aquisição por parte do grupo Bloomberg foi o de construir ali seu quartel-general europeu. O investimento imobiliário deu início a uma grande campanha arqueológica de escavação de investigação e salvamento, encabeçada por um time de especialistas em conservação de patrimônio material do MOLA (*Museum of London Archaeology*, um importante e profícuo braço de pesquisas e publicações arqueológicas do Museu de Londres). O projeto resultou em outras grandes descobertas arqueológicas na região, e, como dito, na realocação do mitreu. A remoção contou com a grande expertise da arqueóloga Sophie Jackson, entre outros. Foi um projeto bastante arrojado. O templo de Mitra foi reconstruído quase que em seu local original na Antiguidade. Na verdade, a reconstrução e realocação do templo não o retornou ao local *exato* de sua escavação, mas a um ponto subterrâneo o mais próximo possível da localização original, inclusive em orientação (relativa aos pontos cardeais) mais adequada àquela da Antiguidade. Como resultado, o templo, hoje, está, ainda, há alguns poucos metros de distância de seu local de construção em *Londinium*.

O Museu de Londres também produziu material similar para celebrar a inauguração do projeto em parceria, inaugurado em 2017. São mais de dezenove páginas com perguntas e respostas dos especialistas, acompanhadas de imagens e mapas de grande qualidade. De acordo com este *pack* de informações, o espaço reservado para o mitreu de Londres, criado no subterrâneo do quartel-general do Bloomberg, recebe estudantes britânicos do ensino de caráter fundamental (KS2, faixa etária entre 7 e 11 anos), que vão ao local visitar e estudar as ruínas do templo. Mas os turistas também podem perfazer o passeio e acessar as ruínas, mediante

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

agendamento. Da mesma forma que para os/as estudantes, para os/as turistas, o passeio é gratuito.

A despeito de também receber turistas, o material disponível no site oficial da Bloomberg tem como principal alvo as visitas escolares. Há arquivos em PDF, material a ser baixado, a fim de favorecer o trabalho dos professores e das professoras em suas atividades de ensino. O site do *London Mithraeum Bloomberg SPACE* funciona como um folheto-guia que apresenta como objetivo da visita possibilitar aos/às estudantes ampliar seus conhecimentos a respeito da Londres de período romano, fomentando habilidades de questionamento, observação e previsibilidade. Um educador-guia levará os/as estudantes a investigar artefatos autênticos da Antiguidade, e a fazerem conexões entre o presente e o passado, ao observarem quais objetos do passado são utilizados até hoje. São exploradas obras artísticas modernas inspiradas pelo sítio arqueológico, por exemplo. Aulas sobre as religiões da Britânia são ministradas pelos educadores antes dos alunos e das alunas descerem sete metros abaixo do nível da rua até o piso do mitreu. Os visitantes da nova atração londrina passarão nesta proposição por experiências imersivas de sons e iluminação, multissensoriais. Após a visita ao mitreu, os/as visitantes poderão, ainda, dirigir-se a pé e pelas ruas próximas, até a galeria do Museu de Londres, para mais acesso aos objetos do acervo museológico sobre Londres.

O material midiático do *London Mithraeum Bloomberg SPACE* faz jus à experiência da Bloomberg na criação de canais de comunicação. A cooperação entre o grupo Bloomberg e o Museu de Londres gerou um *site* muito bem estruturado com informações e comentários sobre o mitraísmo na Antiguidade, a construção do mitreu, sua escavação em 1954, as visitas do público e seus efeitos nas concepções de passado e presente que temos hoje a partir da cultura material. Ainda no *site* oficial da Bloomberg, além dos *packs* específicos para os professores, há, também, alguns para os turistas. Somando-se ao material impresso, estão disponíveis cinco clips na aba *about* do site, uma página denominada de *cultural hub*. São valiosos e raros depoimentos em vídeo de arqueólogos/as e, no que é deveras curioso e instrutivo, de pessoas que visitaram o sítio durante sua escavação em 1954. Trata-se de um material muito bem organizado e muito rico em informações. Não há dúvidas de que houve um investimento maciço na criação desses canais de comunicação com o público leigo e também acadêmico. O uso de imagens é muito eficiente e elas existem em abundância nas páginas dos *sites*. Todo esse material está encrustado na questão do tratamento patrimonial arqueológico. Por mais bem concatenado que tenha sido o projeto, ele suscita debates a respeito da

presença de grandes instituições privadas na guarda de patrimônio público.

### Considerações adicionais

Recentemente pude visitar o novo local de repouso do mitreu de Londres, nas entranhas do quartel-general europeu do grupo Bloomberg. Minhas impressões dessa experiência não foram muito positivas. Descer as escadas é parte do processo de retorno ao passado, para que esqueçamos que estamos sob o quartel general do grupo Bloomberg. O espaço é iluminado de forma a causar a impressão de retorno ao passado, sem filtros, e também ao que se pensa ser o misticismo do passado e do culto. Fumaça e luzes e sons têm a intenção de afetar os sentidos da visão e da audição. A experiência se propõe multissensorial, como dito. Contudo, logo lembrados de que a visualização ou mesmo toda a experiência é controlada em minutos. Não é possível permanecer perto da estrutura. Outro grupo de turistas ou de alunos precisa entrar. Tudo é bem rápido. Alienante. Não há tempo para as abstrações que procurei formar quando vi o mitreu, na rua. Sabia que a visita era guiada, mas acabei incomodado com o resultado. É impossível me esquecer da primeira vez que vi as ruínas do mitreu, em dia de inverno londrino, há mais de vinte anos. As peças esculturais do mitreu, exibidas há muito pelo Museu de Londres, também ganharão um novo endereço, já que o próprio museu está de mudança. Deixará a área do icônico *Barbican Centre* e irá para as suas novas instalações no bairro de West Smithfield, perto da estação de trem Farringdon. O mitreu de Londres, um patrimônio da humanidade, ainda continuará a influenciar muito da maneira como percebemos a Britânia, seus habitantes e o mundo romano, como um todo, quando voltamos nossos olhares para o passado ressignificado.

Há questões a serem respondidas. O Reino Unido terá que repensar em diversos processos de conservação patrimonial. A morte da Rainha Elizabeth em setembro de 2022, a chegada de um novo rei, Carlos III, e de um novo governo *Tory* marcado por enormes dissensões internas, além dos desafios da posição do Reino Unido na Europa e no mundo afligido pela guerra na Ucrânia criarão enorme tensionamento na oferta de verbas para pesquisas arqueológicas. Ou se vão entregar tudo à sanha da iniciativa privada.



**Imagem 01:** Relevô em mármore de Mitra Tauróctone, do Mitreu de Londres. Museu de Londres. *In:* Henig, 1984: imagem 40, 103.

### Referências bibliográficas

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome*, vol. 1: the History. Cambridge: CUP, 2000.

COLLINGWOOD, R. G.; WRIGHT, R. P. *The Roman Inscriptions of Britain I*. Oxford: OUP, 1965.

CROXFORD, Ben. Iconoclasm in Roman Britain? *Britannia*, 34, 2003, p. 81-95.

ELLIOTT, Simon. *Roman Conquests Britain*. Yorkshire, Philadelphia: Pen & Sword, 2021.

HENIG, Martin. *Religion in Roman Britain*. London: BT Batford, 1984.

HINGLEY, Richard. *Londinium: a Biography*. Roman London from its Origins to the Fifth Century. London: Bloomsbury Academic, 2018.



HINGLEY, Richard. *Roman Officer and English Gentlemen. The Imperial Origins of Roman Archaeology*. London: Routledge, 2000.

HUSKINSON, Janet. Culture and social relations in the roman province. In: SALWAY, Peter (ed.) *The Roman Era*. Oxford: OUP, 2002, p. 107-138.

MARRIFIELD, Ralph. *The Roman City of London*. London: E. Benn Ltd., 1965.

MATTINGLY, David. *An Imperial Possession: Britain in the Roman Empire*. London: Penguin books, 2007.

OTTAWAY, Patrick. *Roman Yorkshire: People, Culture and Landscape*. Pickering, UK: Blackthorn Press, 2013.

PERRING, Dominic. *London in the Roman World*. Oxford: OUP, 2022.

PINTO, Renato. Os crânios do cemitério do Vale Superior do Walbrook: tafonomia e ritos. *Revista M.*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jul./dez, 2017, p. 375-95.

REDFERN, Rebecca; BONNEY, Heather. Headhunting and amphitheatre combat in Roman London, England: new evidence from the Walbrook Valley. *Journal of Archaeological Science* 43, 2014, p. 214-226.

SALWAY, Peter. *The Oxford Illustrated History of Roman Britain*. Oxford: OUP, 1993.

SHEPHERD, John D. *The Temple of Mithras London: Excavations by W. F. Grimes and A. Williams at the Walbrook*. London: English Heritage, Archaeological Report 12, 1998.

TOYNBEE, Jocelyn. *The Roman Art Treasures from the Temple of Mithras*. London: London and Middlesex Archaeological society, Special Paper 7, 1986. Available on [http://www.lamas.org.uk/images/documents/Special\\_Papers/SP7%201986%20Temple%20of%20Mithras.pdf](http://www.lamas.org.uk/images/documents/Special_Papers/SP7%201986%20Temple%20of%20Mithras.pdf). Accessed on 13/10/2022.

**Sites utilizados para consultas: (todos verificados em 13 de outubro de 2022)**

London Mithraeum Bloomberg SPACE:  
<https://www.londonmithraeum.com/>. Acessado em 13/10/2022.

*Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 53-78.  
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15474

*Mithraeum pack* do Museu de Londres, em PDF:  
[https://www.museumoflondon.org.uk/application/files/9615/0781/4381/Mithraeum\\_pack.pdf](https://www.museumoflondon.org.uk/application/files/9615/0781/4381/Mithraeum_pack.pdf). Acessado em 13/10/2022.

*Pack do London Mithraeum Bloomberg SPACE*:  
[https://www.museumoflondon.org.uk/application/files/9615/0781/4381/Mithraeum\\_pack.pdf](https://www.museumoflondon.org.uk/application/files/9615/0781/4381/Mithraeum_pack.pdf). Acessado em 13/10/2022.

*Teacher's pack*, em PDF:  
[https://assets.bbhub.io/company/sites/30/2020/11/912448\\_SPACE\\_LucySkaer\\_TeachersResource\\_Oct2020.pdf](https://assets.bbhub.io/company/sites/30/2020/11/912448_SPACE_LucySkaer_TeachersResource_Oct2020.pdf). Acessado em 13/10/2022.